



Pesquisador: *Profa. Dra. Raquel Ritter Longhi*

Título: *Narrativas complexas no ciberjornalismo. Tecnologias, inovação, modos de ver e modos de usar*

Período de execução: *2020-2 a 2024-2*

Linha de Pesquisa: *Tecnologias, Linguagem e Inovação no Jornalismo*

Grupo de Pesquisa: *Grupo de Pesquisa Hipermedia e Linguagem*

Financiamento: -----

1. Apresentação:

Em mais de vinte anos de desenvolvimento do jornalismo nos meios digitais, a forma de contar histórias foi sendo remodelada de acordo com um campo enorme de possibilidades. Hoje, percebe-se que esse terreno abre-se cada vez mais, considerando um ecossistema em que as atribuições do autor, do produtor, do leitor e da audiência do jornalismo recebem novas potencialidades, seja devido ao intenso desenvolvimento da tecnologia das redes e conexões entre todos os níveis, seja resultado do uso de tais tecnologias e ferramentas.

Narrativas digitais sempre foram objeto das pesquisas desenvolvidas por esta pesquisadora, tendo início com o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que originou a dissertação “Metáforas e Labirintos: a narrativa em hipertexto na internet”, quando começávamos o estudo do hipertexto como a base da escrita dos meios digitais então emergentes no panorama da comunicação. O ano de apresentação da dissertação, 1998, acompanhava um jornalismo que engatinhava na internet. Os estudos sobre as narrativas em hipertexto continuaram no Doutorado, realizado de 2000 a 2004 no Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, quando, ainda focadas no hipertexto e nas ferramentas que era introduzidas para sua criação, investigamos uma delas, o software Storyspace. A tese apresentada, “Storyspace e ficção



em hipertexto”, nos abriria ainda mais o campo de estudos sobre as narrativas nos meios digitais. Foi em 2007, com a entrada no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, que direcionamos o eixo de nossas investigações para as narrativas do jornalismo nos meios digitais, encaminhamento natural e necessário naquele momento. E uma escolha que se mostrou fundamental para os estudos no ciberjornalismo, como mostram as produções daí decorrentes, desde publicações em revistas acadêmicas e participação em congressos da área, até orientações de mestrado e doutorado, passando por estâncias de investigação junto a universidades no exterior, participação em bancas internas e externas à UFSC, coordenação de grupo de pesquisa, participação em rede nacional de pesquisadores, dentre outros.

O projeto de pesquisa que antecede este que ora iniciamos, “Narrativas imersivas no ciberjornalismo: estudo e aplicabilidade”, desenvolvido de 01/08/2016 a 01/12/2018, marcou um momento importante dessa trajetória, pois fez a ligação da parte teórica e conceitual com a experimentação prática. Mais do que isso, também esteve relacionado com um projeto de extensão, o Fotolivres 360, realizado junto ao Departamento de Jornalismo/UFSC, coordenado por esta pesquisadora, e que trouxe realizações importantes para o no sentido de aplicar o conhecimento da tecnologia e das ferramentas de captação de imagens em 360 graus em oficinas com crianças de comunidades carentes. Os resultados específicos desse projeto podem ser vistos no artigo de Guidotti, Longhi et al (2020). Do ponto de vista da prática, realizamos também oficinas e minicursos sobre Jornalismo imersivo e captação de imagens em 360 graus, direcionados para Graduação, Pós-Graduação e comunidade em geral junto ao Departamento de Jornalismo da UFSC.

O referido projeto abriu outras perspectivas de investigação para ampliar nosso estudo sobre as formas de contar no ciberjornalismo. O estágio pós-doutoral realizado junto ao Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade da Universidade Autônoma de Barcelona, no ano de 2019, com o projeto de pesquisa “Interface e Imagens Complexas nas narrativas imersivas ciberjornalísticas”, chamou nossa atenção para um aspecto ainda incipiente nos estudos do jornalismo e da comunicação: o da complexidade das narrativas na contemporaneidade. Procedemos, então, ao aprofundamento teórico-conceitual nas noções de “forma interface” e “imagem complexa” (CATALÀ, 2005; 2010).



A proposta deste projeto de pesquisa, “Narrativas complexas no ciberjornalismo. Tecnologias, inovação, modos de ver e modos de usar”, vem de encontro a dar continuidade ao trabalho iniciado ainda na década de 1990, que vem acompanhando as remodelações das formas de contar nos meios de comunicação, especialmente no ciberjornalismo, juntamente com o desenvolvimento de novas tecnologias de produção de conteúdo e reconfigurações dos modos de visualizar e experienciar as narrativas da contemporaneidade. Isto é fortalecido pelo contexto de plataformização no jornalismo. Este projeto está sendo desenvolvido dentro do Grupo de Pesquisa Hipermídia e Linguagem/CNPq e Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo – Nephi-Jor/UFSC, coordenados por esta pesquisadora.

2. Problematização:

A forma como o jornalismo conta histórias, sob a perspectiva dos formatos expressivos, vem ganhando recursos num ambiente que conta novas tecnologias de captação e produção e novas práticas de consumo e de produção de conteúdos por parte da audiência. Fenômenos como a plataformização vem juntar-se a esse cenário, trazendo diversas questões para a pesquisa em jornalismo. O termo deriva do conceito de plataforma, que, para Poell e outros autores (2020), evoluiu ao lado de discussões sobre mudanças mais amplas nas tecnologias de comunicação, na economia da informação e na subsequente movimentação dos usuários como produtores ativos de cultura (POELL et al, 2020).

Dentre essas práticas mais recentes, destaca-se a experienciação com os conteúdos, como já analisamos em outros momentos (LONGHI, 2016; LONGHI e CAETANO, 2019). Na seara da experiência, dois aspectos podem ser ressaltados: 1) os ambientes de redes de mídia social como espaços de produção, circulação e consumo de conteúdos, no contexto da plataformização e 2) a visualização e experienciação.

O relatório *Digital News Report 2020* do *Reuters Institute*, que reúne dados coletados no contexto da Pandemia, reforça a importância da conexão com a audiência online, como exposto por Newman, num quadro em que fontes de notícias como televisão e meios online aumentam consideravelmente.

Olhando para o futuro, editores estão cada vez mais reconhecendo que a sobrevivência a longo prazo provavelmente envolverá uma conexão mais forte e mais profunda com o público online, razão pela qual também examinamos a importância crescente de e-mails e podcasts, formatos que estão sendo implantados em maior número para aumentar o engajamento e a lealdade. (NEWMAN, 2020)¹

Quanto ao uso de plataformas digitais, os dados² mostram que, em vários países, como o Brasil, num quadro geral, as redes sociais estão à frente da televisão como fonte de informação. São 67% os que dizem usá-las para se informar e 66% os que citam a TV – uma margem pequena, porém digna de notoriedade. Além disso, a categoria online é citada por 87% e lidera como fonte de notícias acessada pela maior parcela dos brasileiros. O Facebook aparece em primeiro lugar como fonte de notícias, com 54%, seguido por WhatsApp (48%), YouTube (45%) e Instagram (30%). No mundo, segundo o *Global Digital 2020*³, mais de 4,5 bilhões de pessoas estão conectadas. Além disso, 3,8 bilhões de cidadãos eram usuários de mídias sociais em janeiro de 2020, um aumento de 9% em relação a 2019. (LONGHI e WINQUES, 2020, no prelo).

No contexto dos suportes para notícias, o relatório de pesquisa da Reuters mostra ainda o aumento do interesse pelo podcast e pelos assistentes virtuais inteligentes, como o Amazon Echo e o Google Home. Estes últimos, tendo adquirido um aumento considerável, embora ainda regular, de utilização para notícias.

O que nos mostra esse estudo no que diz respeito aos ambientes e suportes para a notícia e o jornalismo vai muito além do consumo: o uso de tais dispositivos e mídias para a notícia também anuncia práticas que acompanham tal processo, como as possibilidades de criação de conteúdos por parte da audiência conectada. Tudo isso dentro de um processo de “plataformização”.

¹ Tradução nossa. No original: “Looking to the future, publishers are increasingly recognising that long-term survival is likely to involve stronger and deeper connection with audiences online, which is why we have also examined the growing importance of emails and podcasts, formats that are being deployed in greater numbers to increase engagement and loyalty”.

² A pesquisa foi realizada com 80 mil pessoas de 40 países dos seis continentes, incluindo Quênia e Filipinas pela primeira vez no estudo. A coleta dos dados foi conduzida pela empresa *YouGov* a partir de um questionário on-line no final de janeiro/início de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2WAUI1Y>. Acesso em: 18 jul. 2020.

³ Dados de janeiro de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35d9dw7>. Acesso em: 26 abr. 2020.



A adaptação necessário do jornalismo nas plataformas

Em 2001, Doc Searls cunhou o termo jornalismo pós-industrial para identificar o que classificou, na época, como o “jornalismo sem rotativas”. Quem lembra deste fato é o jornalista Carlos Castilho, em artigo no Observatório da Imprensa, publicado em 2012⁴. Naquele ano, o termo foi recuperado no relatório do Tow Center para Jornalismo Digital, da Universidade de Columbia, assinado por Anderson, Bell e Shirky. O estudo “Jornalismo pós-industrial, adaptando para o presente”⁵ fazia um diagnóstico muito claro de como o jornalismo tinha que se adaptar a mudanças estruturais que estavam abalando a atividade. A conclusão foi que, devido à imaterialidade que passava a substituir rotativas e papel, o jornalismo teria que readaptar-se a novas rotinas, novos modelos de negócio e, mesmo, novos valores, dizia Castilho (2012).

O relatório de Anderson, Bell e Shirky mostrava que a adaptação do jornalismo à tecnologia devia ser seguida pela alteração substancial de suas práticas. A tecnologia acarretava mudanças na forma como os profissionais e o público passaram a se relacionar, e isso era fundamental, e teria que ser enfrentado. Desde então, conceitos como economia digital – calcada em bens imateriais (especialmente conhecimento e informação,), modelos de negócio, economia colaborativa, plataformas, temas colocados em evidência pelo estudo do Tow Center, passaram a ser centrais no pensamento sobre o jornalismo dos nossos dias.

Em 2015, o professor Alfred Hermida, na série “Predições para o Jornalismo em 2016, do Nieman Lab, colocava cinco “es” para o jornalismo que estava por vir⁶. Atentamos para dois desses “es”, naquele momento: o primeiro, da experimentação – o autor observava que na primeira década dos anos 2000 as organizações de mídia estavam explorando novas formas de fazer jornalismo, e a experimentação emergia como um pré-requisito para sobrevivência em um tempo de fluxo e incertezas. Dava como exemplo a exploração de novos espaços para a notícia, tais como o Snapchat ou o Facebook Instant Articles. Respectivamente, uma plataforma de mídia social e uma ferramenta disponibilizada pela rede social Facebook. Pode-se agregar, nesse sentido, e situando-nos à época, 2015/16, as

⁴ Disponível em: <https://tinyurl.com/yxgr3b69> Acesso em setembro de 2020.

⁵ Disponível em: <https://tinyurl.com/y5jc2uhj> Acesso em setembro de 2020.

⁶ Disponível em: <http://www.niemanlab.org/2015/12/the-five-es-of-journalism-in-2016/> (Último acesso em 15 de julho de 2017)

redes de mídia social Twitter e Instagram. O primeiro, então já bastante utilizado pelo jornalismo; o segundo, começando a ser um espaço para a notícia, dado sua intensa adoção, o que começava a delinear mais um público em potencial para o consumo de notícia.

O segundo “e” trazido por Hermida era o do jornalismo experiencial, no qual há lugar para notícias informativas, mas também para experiências que imergem a audiência na narrativa. Notícias como experiência, para ele, jogavam com a força das tecnologias digitais e emergentes. Um exemplo foi a grande reportagem *Snow Fall. The avalanche at Tunnel Creek*, de 2012, do The New York Times. À época de seu lançamento, *Snow Fall* foi considerada imersiva por Hermida e outros autores.

Podemos inserir nesse relato, e verificando o atual estado de dominância das plataformas de redes sociais para o ciberjornalismo, mais um dos “es” de qua falava Hermida. O “e” de jornalismo emocional. Abro aspas para o autor:

As mídias sociais impulsionaram a mudança para o jornalismo emocional: as interações das pessoas nas mídias sociais se prestam a histórias que tocam um acorde, pois as emoções são poderosas motivadoras do compartilhamento. A mídia social fornece canais para o público compartilhar alegria com os outros, participar de um coro de indignação ou lamentar-se após eventos como os ataques de Paris. Com o surgimento das descobertas e recomendações sociais, os jornalistas estão trabalhando cada vez mais em um espaço em que as pessoas não compartilham tanto informações, mas compartilham um sentimento. (HERMIDA, 2016, S/nº)

Quando vemos o jornalismo utilizar-se de ferramentas como os Stories, do Instagram, algo que começou ainda com o Snapchat há alguns anos, e hoje, com a explosão do TikTok, a questão do jornalismo emocional emerge de forma bastante intensa⁷. Tudo isso fortalecido por um contexto em que toda a infra-estrutura digital, que envolve tanto o aspecto da economia e de negócios, com o fortalecimento das grandes empresas de tecnologia - as Big Techs - como uma de suas faces mais visíveis, que é a do envolvimento dos usuários, ou seja, a audiência conectada.

⁷O Brasil está entre os maiores públicos usuários do TikTok. O Jornal da Record e o Estadão possuem perfil nesta rede social. No caso do primeiro, dados de 09 de julho mostram que conta com mais de 130 mil seguidores. Em outros países, organizações como a CNN, a NBC News, a ESPN, o The Washington Post e o The Telegraph, só para citar alguns, também possuem seus perfis.

E é este cenário que a atividade jornalística de produção e distribuição da informação vem explorando cada vez mais, com resultados que impactam a forma como consumimos notícia.

Em artigo publicado no começo de junho deste ano no New York Times⁸, Shira Ovide mostra por que o aplicativo deve ser visto com outros olhos:

O TikTok parece familiar, mas sua alma é diferente da de outras mídias sociais que vieram antes dele. Pode ser divertido, mas também é uma força para prestar atenção. O TikTok é a primeira potência de entretenimento nascida e construída para a era dos smartphones - e pode mudar tudo. (OVIDE, 2020, s/n^o)

O artigo termina com uma previsão, ao apontar que o TikTok pode estar “reconectando o entretenimento, dando à próxima geração de ativistas novas maneiras de contar histórias e desafiando a ordem global da Internet”.

Por que plataformas como Instagram, TikTok, YouTube, etc, são tão importantes para o jornalismo? Na América Latina, nosso país é a nação mais conectada em redes sociais, como o Facebook, o YouTube, o Instagram, o Twitter, o Snapchat e o LinkedIn, segundo um levantamento feito pela Comscore, divulgado em julho do ano passado. Quase 90% dos brasileiros acessam esse tipo de plataforma, mais do que a Argentina, com 83%, e o México, que tem 80%. Explorar esses espaços tem sido uma estratégia do jornalismo para, primeiro, aproveitar um ambiente que conta milhões de pessoas conectadas e em constante atividade, um público potencial imenso para o jornalismo. Em segundo lugar as mídias sociais configuram-se como ambientes fundamentais para a atividade jornalística dos nossos dias, tanto no que diz respeito a serem um espaço de produção e distribuição quanto no que tange ao consumo de conteúdos ciberjornalísticos.

Pensar numa complexidade da narrativa jornalística contemporânea, por isso, não deve excluir as plataformas de mídia social, pois, como ambientes, passam a promover importantes avanços nas possibilidades expressivas das narrativas ciberjornalísticas. Do ponto de vista dos tipos de formatos, o estudo das narrativas deve considerar ainda o panorama geral das narrativas ciberjornalísticas, que inclui as narrativas transmídia, o

⁸ TikTok (Yes, TikTok) Is the Future, disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/03/technology/tiktok-is-the-future.html> Acesso em setembro 2020.

webdocumentário, a grande reportagem multimídia (esta, objeto de estudo desta pesquisadora já há alguns anos), a infografia, no que estamos considerando o hiperinfográfico (LONGHI e CORDEIRO, 2018), os novos microformatos proporcionados pelas já citadas mídias sociais, como os Stories (nas plataformas Snapchat, Instagram e Facebook, por exemplo), e ainda, Twitter, Tik Tok, YouTube, dentre outros. Isso sem falar de formatos como os já referenciados podcast e assistentes pessoais de voz - ambientes para a notícia que começam a ser explorados mais recentemente.

Experiência e imersão

No que diz respeito aos ambientes narrativos do ciberjornalismo a ideia de imersão é chave, e está bastante relacionado com a experiência: “para compreender e apreender um conteúdo imersivo, é preciso experienciá-lo” (LONGHI, 2017; LONGHI e CAETANO, 2018). Tal fruição ativa se dá em uma interface, que consideramos, desta forma, o “local” principal da experiência. Como espaço de experiência, ainda, concordamos com Scolari quando propõe a metáfora da interação, na qual a interface pode ser considerada “uma zona de fronteira entre o mundo real e o mundo virtual, ou melhor, um ambiente de tradução entre usuários, designers e artefatos tecnológicos” (SCOLARI, 2018, p. 26). Neste caso, segundo o autor, a melhor interface é o lugar onde as trocas se realizam da forma mais simples e natural, gerando assim, no usuário, um efeito de imersão (2018, p. 27). A interface é uma instância que “desaparece”, priorizando a experiência do usuário.

O ambiente da interface é o local (virtual, cognitivo, visual, operacional) onde se manifesta a narrativa contemporânea. Entendo que este espaço representado pela interface apresenta duas perspectivas principais: a primeira é relativa a ambiente – e aqui entra o ambiente virtual, cognitivo, operacional e visual. A segunda perspectiva é o espaço da experiência, que, em última instância, traz a noção de imersão.

A interface é uma categoria que vem sendo crescentemente objeto de estudos, teorias e investigações de diversos autores, o que, aliás, nunca foi novidade. Neste âmbito, destaca-se ainda o trabalho do professor Carlos Scolari, da Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona, estudioso do tema há alguns anos (SCOLARI, 2015; 2017; 2018). Para ele, a interface é um lugar de interação, além de formar uma rede de atores humanos e tecnológicos. Ele ressalta ainda que as interfaces se pensam entre si.

Josep Català, por sua vez, vem construindo uma teoria da interface, na qual se destacam as relações espaciais no que diz respeito à complexidade do pensamento. As novas percepções espaciais, segundo ele, não seriam tão novas assim, mas a interface estaria nos levando a contemplar este espaço de relações de outra forma: “Ainda que talvez fosse melhor dizer que a interface, o que faz, é colocar-nos frente ao resultado destas novas relações - diz Català - é um dispositivo que trabalha com este novo espaço. As novas percepções espaciais já existiam antes de que aparecesse a primeira interface realmente operativa: a física as vinha estabelecendo desde princípios do século XX, a literatura as havia assimilado quase de imediato, ainda que não necessariamente através da física”.

É justamente quando as ideias e reflexões sobre interface se cruzam com as de imagem que se torna mais notável a força das narrativas imersivas. No dizer de Català, a interface se converte num novo tipo de imagem, que representa o modo de exposição característico de um modelo mental que paulatinamente vai se impondo no que denominamos posmodernidade (2010).

Quando pensamos nas narrativas imersivas, as funções da imagem e da interface parecem definir uma complexidade que se configura como contexto fundamental dessas formas de contar. A imagem, para Català, é complexa, é aberta: possui uma abertura que leva à hibridação e à mestiçagem constante, é uma imagem que tende à plenitude. A imagem está constantemente propondo significados através de nossas conexões - diz o mesmo autor - significados todos eles válidos, estáveis em seu momento particular. Para ele, nos encontramos ante uma eclosão do movimento: movimento das imagens, tanto interna como externamente, movimento do olhar dentro da imagem e entre as imagens, movimento da cognição através de cadeias de significados. Enquanto componente essencial das interfaces, a imagem se desdobra, se expande, é fluída, transforma-se pelo ritmo da atuação do visualizador, como explica o autor.

As concepções de interface e de imagem complexa são fundamentais para o estudo das narrativas complexas, pois dizem respeito à relação dos visualizadores com os conteúdos imersivos, com imagens esféricas, com interfaces que se desdobram em espaços cada vez mais povoados de potencial criativo. De que modo nossa percepção da imagem é alterada frente a esse novo cenário? Ainda buscamos por um quadro limitador da imagem? Ainda queremos ver seus limites, tal e como fazemos durante séculos na relação com a imagem?

No universo das novas formas narrativas, a interface e a imagem cumprem funções limítrofes, inovadoras e, mesmo, definidoras de uma configuração expressiva sem igual no desenvolvimento do jornalismo contemporâneo. Tecnologias como os drones trazem uma nova modalidade narrativa audiovisual, no dizer de Gosciola e Pessoa (2019), cuja característica principal é “lidar com a noção de profundidade sem simulação”. Este autor introduz a “Volumetria Audiovisual”, o campo que estudo esse tipo de vídeo, que “extrapola o potencial comunicativo de um aparelho de exibição bi-dimensional proporcionando ao espectador a experiência tridimensional”.

Uma nova modalidade de narrativa audiovisual está surgindo. Sua característica principal é lidar com a noção da profundidade sem simulação. Chamamos de Volumetria Audiovisual (GOSCIOLA, 2019) o campo que estuda esse tipo de vídeo, que extrapola o potencial comunicativo de um aparelho de exibição bidimensional, proporcionando ao espectador a experiência tridimensional. (GOSCIOLA e PESSOA, 2019, p. 285).

A ideia de Volumetria Audiovisual vem somar-se aos conceitos de imagem esférica nas nossas investigações sobre as interfaces como ambientes por natureza das narrativas complexas. Para Gosciola e Pessoa, a Volumetria Visual engloba todo tipo de vídeo - desde imagens reais ou sintetizadas, que ocupam ou simulem ocupar espaços que vão do objeto 3-D até diferentes ambientes e pontos de vista espaciais tridimensionais: “Essas imagens compreendem desde a modelagem e simulação por sistemas 3-D até as narrativas apresentadas ao vivo ou sob demanda. São encontradas em salas de exibição, na web, nas instalações em galerias, nos sistemas de interação háptica, entre outras possibilidades (Gosciola, 2019, p. 20)”. (GOSCIOLA e PESSOA, 2019, p. 286). A contribuição desses autores vem ampliar o escopo das reflexões sobre a imagem para as narrativas complexas. Aliada à imagem esférica, constituem-se em conceitos que podem lançar novas luzes ao estudo das narrativas contemporâneas.

Narrativas complexas no ciberjornalismo

Levando em conta todo este cenário do jornalismo pós-industrial e do pensamento contemporâneo, no qual a complexidade é um conceito fundamental, acentua-se o carácter de complexidade das narrativas. Por um lado, a imagem, como matéria-prima de narrativas ciberjornalísticas, vem sendo enriquecida com as tecnologias da realidade

virtual, da realidade aumentada, dos drones e das imagens em 360 graus. Isso potencializa as narrativas ciberjornalísticas como narrativas imersivas, como alguns autores vêm apontando (DOMÍNGUEZ, 2013; COSTA, 2016; LONGHI, 2016, 2017, 2018, 2019) e é levado em consideração quando pensamos na complexidade das narrativas. Também a completar esse cenário, a plena utilização das mídias sociais pelo jornalismo como espaços de distribuição de conteúdos, e as relações estabelecidas entre os sujeitos consumidores entre si e com a informação, impulsionam uma multiplicação das formas de contar, um panorama complexo. Como já falado, ainda, formatos como os podcasts e os assistentes virtuais vêm juntar-se a esse cenário.

Ligar a complexidade à narrativa é um exercício pouco usual. Num estudo sobre a como as pessoas se relacionavam entre si por meio dos computadores e com os próprios computadores, Sherry Turkle (1997) sugeria que os computadores “encarnam a postura pós-moderna e levam-na à prática, pois há uma estética pós-moderna da complexidade e do descentramento, ao contrário das estruturas centralizadas, rígidas e racionais que marcaram o modernismo”. Anunciava-se então o caráter complexo da introdução dos computadores no panorama da cultura digital, então nascente.

Hoje, provavelmente o mais conhecido seja o trabalho de Jason Mittell, que formula o modelo de complexidade narrativa para analisar a narrativa seriada da televisão. Trata-se de uma redefinição do modelo episódico serial, originada, dentre outros fatores, por transformações na indústria midiática, nas tecnologias e no comportamento do público, segundo Mittell. Dentre essas, estão experiências de consumo da audiência, por exemplo, que se ampliam pelas redes sociais e a internet, tendência aliás já analisada por Henry Jenkins no que este autor define como “cultura da convergência” (2009). Jenkins ressaltou a complexificação da informação num cenário de convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva onde os diferentes canais midiáticos, os processos criativos renovados e a cooperação entre usuários e consumidores possibilitava que os indivíduos se tornassem geradores de conteúdos.

Num âmbito mais geral da reflexão contemporânea, o chamado pensamento complexo, construído por Edgar Morin, vem embasar nossas reflexões. Aqui, podemos salientar dois princípios caros ao pensamento desse autor ligados à complexidade: os conceitos de ordem e desordem. Sublinhar estas duas concepções nos permite melhor compreender a

importância do pensamento complexo, especialmente no sentido de adaptá-lo ao estudo das narrativas ciberjornalísticas. O conceito de ordem, para Morin, vai além das ideias de estabilidade, repetição e regularidade para comportar a ideia de interação, não dispensando, por isso mesmo, a desordem. Há que ressaltar, ainda, que a desordem, para o autor francês, apresenta dois extremos - um objetivo e outro subjetivo. O primeiro, objetivo, concerne à dispersão, irregularidade e instabilidade – ruídos e erros, por assim dizer. O segundo, subjetivo, é, segundo Morin, o da imprevisibilidade ou da relativa indeterminabilidade. O da incerteza, do acaso.

Morin trouxe uma mudança de paradigma nos estudos sociológicos que passou a embasar grande parte da reflexão sobre a contemporaneidade em diversas áreas do conhecimento. Nos estudos de Comunicação e do Jornalismo não é diferente: a ideia de complexidade vem atravessando os anos e as tendências evolutivas do pensamento teórico.

No que diz respeito às narrativas contemporâneas, a ideia de complexidade ganhou protagonismo, ainda, com a publicação de *Lezioni americane – Sei proposte per il prossimo millennio - Seis propostas para o próximo milênio* (no Brasil, publicado em 1990) - sobre as palestras preparadas mas não proferidas por Ítalo Calvino devido à sua morte precoce. O escritor italiano, então, profetizava o porvir da literatura do milênio que se avizinhava, elencando princípios que já traziam uma visão de futuro que embasou boa parte da reflexão sobre a chamada posmodernidade. Uma dessas propostas, a de multiplicidade, apontava para o romance contemporâneo como enciclopédia, como método de conhecimento e, principalmente, como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo, e, assim, indicava uma característica fundamental das transformações que estavam acontecendo e que iriam, inclusive, se intensificar no desenrolar do novo milênio.

3. Metodologia:

Este projeto utilizará uma metodologia que envolve pesquisa bibliográfica, no sentido de melhor trabalhar conceitos e proposições teóricas sobre narrativas complexas e os temas derivados, e também análises de conteúdos em diversos formatos e suportes narrativos, através da exploração e observação. Ainda na perspectiva teórica, pretende-se aprofundar

o estudo nos Métodos Digitais como ferramenta possível de análise das narrativas complexas.

Três eixos principais serão trabalhados:

- 1) **Eixo dos estudos teóricos e conceituais** sobre Métodos Digitais e suas possibilidades para a análise das narrativas complexas;
- 2) **Eixo das tecnologias e inovação**, no qual iremos verificar novos formatos derivados de tecnologias de criação, distribuição e disponibilização de conteúdos e
- 3) **Eixo da experiência**, onde vamos priorizar o que estamos definindo como “modos de usar”, que englobam as ações dos visualizadores e usuários das tecnologias e ambientes de plataformas de mídias sociais.

O que, de fato, vem se verificando, diz respeito a uma “gramatização” dos media sociais, como atenta (FLORES, 2020), ou seja, “todas as ações rastreáveis e formas coletivas de atividade impostas e rearranjadas por esses ambientes”, onde as especificidades das plataformas, como likes, shares, tweets, comentários, hashtags, segundo a autora, “unem a cultura de uso à gramatização de cada uma delas”. Isso abre diversas abordagens de estudo, como observa, tais como “pesquisa de engajamento por hashtags, análise visual de redes, análise exploratória de conteúdo textual e/ou visual, análise cronológica, análise de tendências, entre muitos outros”. (FLORES, 2020)

Os Métodos Digitais, desta forma, e por comportarem o estudo dessas formas coletivas de uso, serão objeto do nosso estudo e a base para olhar ambos os eixos de estudo.

4. Alcance, Resultados, Contribuições e Metas:

Aprofundar o conhecimento como proposto por este projeto deverá resultar em artigos para apresentação em eventos científicos e publicações, tanto em revistas acadêmicas como na forma de capítulos de livros. Se conseguirmos financiamento, é nosso propósito ainda, a publicação de um e-book. Como contribuição para a área acadêmica, também pretendemos oferecer disciplinas em nível de Graduação e Pós-Graduação, assim como minicursos específicos.

5. Objetivos:

O objetivo principal é de investigar as narrativas complexas no ciberjornalismo, numa perspectiva mais ampla do que a primeiramente desenvolvida por esta pesquisadora (LONGHI, 2019), considerando o cenário de plataformização.

Como objetivos secundários, temos:

- aprofundar o estudo dos Métodos Digitais como ferramenta de aproximação aos objetos desta investigação;
- verificar as possibilidades para as narrativas digitais ciberjornalísticas no contexto das novas tecnologias de captação da imagem, como realidade virtual, realidade aumentada, drones e 360 graus;
- verificar as possibilidades, para as narrativas ciberjornalísticas, dos ambientes de rede social, através das ferramentas disponibilizadas aos usuários para criação de conteúdos;
- verificar de que forma o ciberjornalismo vem utilizando plataformas de redes social, através de estudos específicos por plataforma;
- explorar e analisar o uso de suportes como assistentes pessoais de voz, formatos como podcasts e outros novos formatos narrativos que se originarem dessas plataformas.

6. Justificativa:

Foi com a videoconferência “Jornalismo imersivo e narrativas complexas”, realizada no II Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies, que publicamos, pela primeira vez, as ideias que então começávamos a amadurecer sobre narrativas complexas no ciberjornalismo. Numa primeira aproximação, definimos tais narrativas como dentro de um campo de possibilidades abertas pelas tecnologias de captação de imagem e produção de conteúdos em realidade virtual (RV) e realidade aumentada (RA), embasado ainda, pelos conceitos de imagem complexa e teoria da interface. Tudo isso dentro de um cenário em que as ferramentas de mídias sociais passam a ser utilizadas cada vez mais pelo jornalismo.

A continuidade desse empreendimento de pesquisa deve centralizar-se na verificação, análise, reflexão e discussão conceitual sobre as narrativas ciberjornalísticas resultantes do cenário recente do contexto das plataformas de redes sociais para o exercício da produção jornalística. Concomitantemente, não excluiremos as novas tecnologias de captação, produção e difusão de conteúdos, levando em conta o podcast e os assistentes virtuais inteligentes na continuidade deste trabalho investigativo, ampliando, assim, o escopo do que estamos definindo como “narrativas complexas no ciberjornalismo”.

Nossa primeira concepção de narrativas complexas no ciberjornalismo⁹ centralizava o enfoque no jornalismo imersivo e nas tecnologias de Realidade Virtual e Realidade Aumentada. Naquela primeira aproximação, estabelecemos cinco princípios para as narrativas complexas: imersão; fluidez; experiência; ambiente e elasticidade. Tais noções complementam-se em alguns casos e, em outros, apresentam maior ou menor força, de acordo com os diferentes formatos expressivos em tela. Podem ser compreendidos de forma mais detalhada como segue:

1. **Imersão.** A narrativa complexa é imersiva – permite ao visualizador sentir-se no ambiente retratado pela narrativa. Esta imersão se dá em dois pilares fundamentais do relato (DOMÍNGUEZ...): o da *interface*, no qual se dá, efetivamente, esta sensação de presença no lugar dos fatos, de sentir-se no próprio ambiente retratado pela narrativa, e o pilar do *conteúdo*, no qual se dá uma experiência de atuação com o relato;
2. **Fluidez.** A narrativa complexa é fluída à medida que os espaços imagéticos – ainda que possam se produzir numa tela - flutuam sobre ela (CATALÀ, ...). Fluidez implica transformação e movimento – um movimento que atua em três instâncias, a da própria imagen, a do visualizador e o próprio movimento mental, de acordó com Catalá (...). Segundo o autor, não se trata unicamente de superar os limites do quadro pictórico, entendido como imagem estática e delimitada, mas da imagem que se transforma ao ritmo das atuações do observador.
3. **Experiência.** É experiencial – No sentido de manipulável, navegável e escalável. Retoma-se aqui a experiência com o conteúdo, já apontada no principio da imersão, de que

⁹ Apresentada no 2º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies – MEI Studies, realizado de forma online de 1º a 31 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wegPpAoGsVk&feature=youtu.be>

para compreender e apreender um conteúdo em RV, é preciso experienciá-lo (LONGHI, 2017). Experiencial no sentido de que se vivencia esta narrativa. No caso da imagen, diz respeito às possibilidades de experienciar a imagen, por exemplo: *navegando-a* - caso da realidade virtual, e *atuando na sua escala*, caso da realidade aumentada.

4. **Ambiente.** É ambiental – Substitui o enfoque espectral, que propunha uma separação estrita entre o sujeito observador e o objeto observado e coloca ambos no mesmo plano. Considera a ação do sujeito no processo, em paisagens que o *envolvem*. Refere-se ainda, a uma concepção ecológica e complexa da representação visual, reforçada pelo princípio do *Umwelt*: entendido como mundo particular, nos remete claramente ao espaço da imagen, visto como algo mais do que uma proposta externa, ou seja, que pode ser um habitáculo ou nicho.

5. **Elasticidade.** A narrativa complexa é elástica – no caso da imagen, esta se manifesta tanto de forma *englobadora*, nas quais o observador encontra-se no seu “centro”, caso da imagen em 360 graus e da realidade virtual, como pode ser percebida enquanto um *elemento exógeno*, ou seja, quando se sobrepõe ao ambiente ocupado pelo visualizador, caso da realidade aumentada.

Naquele primeiro momento, tratava-se de definir algumas sinalizações, numa tentativa de melhor compreender as possibilidades da narrativa imersiva no ciberperiodismo e de sua complexidade. Importante ressaltar que eles permeiam-se, ou seja, complementam-se e conversam entre si no conjunto. Não são, desta forma, eliminatórios, ou excludentes, mas podem associar-se a um ou a outro dos demais princípios através de determinadas categorias. Nesse sentido, e para tornar mais claro, pontuamos apenas dois exemplos, que são:

1. Quanto ao princípio da *fluidez*: trata-se de apontar características não só da imagem, mas dos movimentos, que são movimentos da imagen e movimentos do observador, como bem observa Català, e isso é algo que também permeia o da *experiência*.
2. Relativamente ao princípio da *imersão*, está bastante marcada a questão da experiência de atuação com o relato, e isso reforça o princípio *experiencial*.

Neste projeto, ampliaremos esta perspectiva levando em conta o contexto mais amplo das formas narrativas ciberjornalísticas, que, como já referido, expandem-se em formatos diversos a partir de novas plataformas. Estas são ao mesmo tempo, espaços de produção, distribuição e consumo. Destacam-se, quanto aos formatos, o podcast, a narrativa transmídia, as narrativas em formatos longos, como longform journalism e fotografias de longo formato; e sob a perspectiva das plataformas, YouTube, Facebook, Instagram, Twitter, dentre outros.

A relevância deste projeto consiste em compreendermos de forma mais clara as possibilidades das narrativas em contextos digitais, especialmente num momento em que a plataformização parece estar direcionando muitas das práticas do jornalismo. Tais práticas ultrapassam o âmbito da produção, estendendo-se ao aspecto dos usos das plataformas de rede social pelos usuários, os mesmos usuários que consomem a notícia ciberjornalística.

8. Cronograma:

Levando em conta que a evolução das narrativas ciberjornalísticas é bastante rápida, em função de acompanhar as novas tecnologias da Comunicação e Informação, assim como a exploração do jornalismo desses espaços de produção, distribuição e do consumo de conteúdos, dividimos este projeto em dois períodos. O segundo período poderá ser adaptado conforme novas tecnologias, plataformas e usos por parte do jornalismo forem surgindo.

Período 1:

Período/atividade	Out- Dez 2020	Jan- Mar 2021	Abr- Jun 2021	Jul- Set 2021	Out - Dez 2021	Jan- Mar 2022	Abr- Jun 2022	Jul- Set 2022	Out- Dez 2022
Referencial teórico	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração de formatos narrativos em redes de mídia social		X	X		X		X	X	
Exploração de			X		X		X		

formatos narrativos em outros suportes									
Disciplinas para graduação			X	X	X				
Disciplinas para pós-graduação				X	X	X			
Apresentação de trabalhos em congressos da área			X		X			X	X
Publicação de artigos		X		X		X			
Publicação de e-book									X

Período 2:

Período/atividade	Jan-Mar 2023	Abr-Jun 2023	Jul-Set 2023	Out-Dez 2023	Jan-Mar 2024	Abr-Jun 2024	Jul-Set 2024	Out-Dez 2024
Referencial teórico	X	X	X	X	X	X	X	X
Exploração de formatos narrativos em redes de mídia social		X	X		X	X		
Exploração de formatos narrativos em outros suportes	X	X		X	X		X	X
Disciplinas para graduação		X	X					
Disciplinas para pós-graduação				X			X	
Apresentação de trabalhos em congressos da área								
Publicação de artigos			X	X			X	X

9. Bibliografia:

BERGER, Arthur Asa. **Media Analysis Techniques**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2014.

BOCZKOWSKI, Pablo; MITCHELSTEIN, Eugenia; MATASSI, Mora. *El medio ya no es medio ni mensaje*. Revista Anfibia, online, 2016. Disponível em: <http://revistaanfibia.com/ensayo/medio-ya-no-mensaje/>

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e jornalismo**. A informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011.

CATALÀ, Josep M. (ed.) **El cine de pensamiento: formas de la imaginación tecno-estética**. Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I; Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Universitat Pompeu Fabra; València: Universidad de València, D.L. 2014.

_____. *Introducción a la fenomenología de la Realidad Virtual*. Guía Práctica de la Realidad Virtual. Samsung/UAB, 2016. Disponível em: <https://tinyurl.com/uw6mxxk>. Acesso em 21 de novembro de 2019.

_____. Pensar el cine de pensamiento. Ensayos audiovisuales, formas de una razón compleja. In: MÍNGEZ, Norberto (ed.). **Itinerarios y formas del ensayo audiovisual**. Barcelona: Gedisa, 2019.

_____. **Viaje al centro de las imágenes**. Introducción al pensamiento esférico. Santander, Cantábria: Shangrila, 2017.

_____. **La imagen interfaz**. Representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad. Bilbao: Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, Argitalpen Zerbitzua, Servicio Editorial, D. L., 2010.

_____. **La imagen compleja**. La fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual. Bellaterra: Servei de Publicacions/Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.

COUTINHO, Lúcia Loner e XAVIER, Kelen do Carmo. Uma análise da complexidade narrativa em Game of Thrones. II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. São Leopoldo, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2IRPqzE>

DE LA PEÑA et al. *Immersive Journalism: Immersive Virtual Reality for the First-Person Experience of News*. Presence, Vol. 19, No. 4, pp. 291–301, 2010. Disponível em: https://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/PRES_a_00005

DOMÍNGUEZ-MARTÍN, Eva. «Periodismo inmersivo o cómo la realidad virtual y el videojuego influyen en la interfaz e interactividad del relato de actualidad». *El profesional de la información*, v. 24, n. 4, pp. 413-423. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3145/epi.2015.jul.08>. Acesso em setembro de 2019.

GOSCIOLA, Vicente e PESSOA, Larissa Soares. *Drone no Âmbito Audiovisual Contemporâneo: uma Perspectiva de Marshall McLuhan*. In: ANGELUCI, Alan; GOSCIOLA, Vicente, MARTIN VIOLA, Natalia e SARZI Regilene. **Arte e narrativas emergentes**. Aveiro: Ria Editorial, 2019, pp. 285-299. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5coth77>

GOOGLE NEWS LAB. *Storyliving. An ethnographic study of how audiences experiment VR and what that means for journalists*. 2017. Disponível em: <http://karlbaumann.com/writing/storyliving/>

GRAU, Oliver. **Virtual art**. From illusion to immersion. Cambridge, MA; Londres, Inglaterra: The MIT Press, 2003.

GUIDOTTI, LONGHI et al (2020). *Fotolivres, relato de uma experiência inovadora*. *Revista Extensio*, Vol. 17, n. 36, pp. 129-144, 2020. Florianópolis. Disponível em: <https://tinyurl.com/y46yy2us> Acesso em setembro de 2020.

LONGHI, Raquel Ritter. Jornalismo imersivo e narrativas complexas. (Videoconferência) II Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4ps2rqw> Acesso em setembro de 2020.

_____. *Narrativas imersivas no ciberjornalismo. Entre interfaces e Realidade Virtual*. RIZOMA, v. 5, p. 224-234, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y39j6kpm> Acesso em setembro de 2020.

_____. Jornalismo experiencial, pesquisa aplicada e o desafio da investigação em realidade virtual no jornalismo. 15.º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo-SBPJor. São Paulo, SP, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/tau6u7u> Acesso em setembro de 2020.

_____. *O turning point da grande reportagem multimídia*. *Revista Famecos*, Porto Alegre, vol. 21, nº3, 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/y7rxjqnn> Acesso em setembro de 2020.

_____ e CAETANO, Kati. *Valor-experiência no contexto do jornalismo experiencial*. GALÁXIA (SÃO PAULO. ONLINE), v. 1, p. 82-95, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyyqqr7g> Acesso em setembro de 2020.

_____ e CORDEIRO, William R. *No jornalismo imersivo, o infográfico é hiper*. *Revista Líbero*, v. 42, p. 160-174, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2xw97ac> Acesso em setembro 2020.



_____ e LENZI, Alexandre. *Práticas ciberjornalísticas em Realidade Virtual: inovação e impactos no processo de produção*. Revista Famecos, Porto Alegre, Vol. 24, nº 3, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2rjxxvp> Acesso em setembro de 2020.

_____; GIFREU, Arnau e LOVATO, Anahí. **Narrativas Complexas**. Aveiro, Ria Editorial, 2020. E-book disponível em: https://www.academia.edu/42960958/Narrativas_Complexas Acesso em setembro de 2020.

MITTELL, Jason. *Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea*. In: Matrizes. Ano 5 – n. 2. Jan./Jun. 2012. São Paulo, Brasil. Pp. 29-52. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38326> Acesso em setembro de 2020.

MOREIRA FLORES, Ana Marta. Insights iniciais para pensar jornalismo em plataformas digitais – um olhar a partir de Trens Studies & Métodos Digitais. Nephi-Jor/Medium, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/y59ohw2f> Acesso em setembro de 2020.

OVIDE, Shira. TikTok (Yes, TikTok) Is the Future. The New York Times, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/06/03/technology/tiktok-is-the-future.html> Acesso em setembro 2020.

POELL, Thomas; NIEBORG; David, VAN DIJCK, José. Platafomização. **Fronteiras** - estudos midiáticos, vol. 22, n. 1 - janeiro/abril 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3kpQxAl> Acesso em setembro 2020.

SCOLARI, Carlos A. **Las leyes de la interfaz**. Barcelona: Gedisa, 2018.